

CAMINHOS VISUAIS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: DA SEMIÓTICA AO VISUAL VERNACULAR

VISUAL PATHWAYS IN DEAF EDUCATION: FROM SEMIOTICS TO VISUAL VERNACULAR

CAMINOS VISUALES EN LA EDUCACIÓN DE SORDOS: DE LA SEMIÓTICA AL VISUAL VERNACULAR

Josilene Pinheiro-Mariz¹

<https://orcid.org/0000-0003-4879-579X>

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Brasil

jsmariz22@hotmail.com

Conceição de Maria Costa Saúde²

<https://orcid.org/0000-0002-5664-5743>

Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, Brasil

prof.conceicaosaude@gmail.com

Resumo

O objetivo deste texto é discutir como abordagens visuais na educação de surdos, com foco na integração da semiótica (Bakhtin, 1995) e do Visual Vernacular (VV), no ensino da leitura literária de acordo com Sutton-Spence (2021), destacando-se a importância da cultura surda e da valorização da identidade cultural (Strobel, 2008). Exploramos práticas pedagógicas inovadoras, como materiais multissemióticos e tecnologias digitais, que combinam texto, imagem e língua de sinais (Peluso e Silva, 2019; Campos e Rocha, 2021). Os resultados indicam que a aplicação da semiótica e do VV proporcionam uma compreensão mais profunda das narrativas literárias, promovendo uma conexão mais forte entre os estudantes e os conteúdos. Conclui-se que, para implementar essas práticas de forma eficaz, é necessário um compromisso com políticas educacionais inclusivas que valorizem a cultura surda e capacitem os professores, reafirma-se a importância de os surdos como protagonistas nas decisões educacionais.

Palavras-chave: Educação de Surdos; Leitura Literária Plurilíngue; Semiótica; Visual Vernacular.

Abstract

The aim of this text is to discuss visual approaches in deaf education, focusing on the integration of semiotics (Bakhtin, 1995) and Visual Vernacular (VV) in literary reading instruction according to Sutton-Spence (2021), highlighting the importance of deaf culture and the appreciation of cultural identity (Strobel, 2008). We explore innovative pedagogical practices, such as multissemiotic materials and digital technologies that combine text, image, and sign language (Peluso and Silva, 2019; Campos and Rocha, 2021). The results indicate that the application of semiotics and VV provides a deeper understanding of literary narratives, promoting a stronger connection between students and the content. It is concluded that, to effectively implement these practices, a commitment to inclusive educational policies that value deaf culture and empower teachers is necessary, reaffirming the importance of deaf individuals as protagonists in educational decisions.

Keywords: Deaf Education; Plurilingual Literary Reading; Semiotics; Visual Vernacular.

¹ Possui graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Maranhão. Mestrado e doutorado em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado pela Universidade Paris 8 -Vincennes-Saint Denis, sobre o texto literário escrito por autoras de língua francesa fora do Hexágono.

² Mestrado em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade pela Universidade Gama Filho, Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Especialista em Libras e em Educação Inclusiva.

Resumen

El objetivo de este texto es discutir enfoques visuales en la educación de sordos, enfocándose en la integración de la semiótica (Bakhtin, 1995) y el Visual Vernacular (VV) en la enseñanza de la lectura literaria según Sutton-Spence (2021), destacando la importancia de la cultura sorda y la valoración de la identidad cultural (Strobel, 2008). Exploramos prácticas pedagógicas innovadoras, como materiales multisemióticos y tecnologías digitales que combinan texto, imagen y lengua de señas (Peluso y Silva, 2019; Campos y Rocha, 2021). Los resultados indican que la aplicación de la semiótica y el VV proporciona una comprensión más profunda de las narrativas literarias, promoviendo una conexión más fuerte entre los estudiantes y los contenidos. Se concluye que, para implementar estas prácticas de manera efectiva, es necesario un compromiso con políticas educativas inclusivas que valoren la cultura sorda y capaciten a los profesores, reafirmando la importancia de que los sordos sean protagonistas en las decisiones educativas.

Palabras clave: Educación de Sordos; Lectura Literaria Plurilingües; Semiótica; Visual Vernacular.

Introdução

O Brasil apresenta uma diversidade linguística rica, tanto em relação às línguas orais quanto às de sinais. Além disso, intrínsecos a essa diversidade linguística, há uma pluriculturalidade de costumes e valores subjacentes a cada língua, que precisa ser valorizada em todo processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua (L2). Além disso, é importante considerar o conhecimento de mundo que cada aprendiz traz para o ambiente institucional. Por isso, é necessário repensar o ensino de línguas nos diferentes espaços sociais, tanto no Brasil quanto fora deste país. Assim, este artigo considera a trajetória histórica da educação de surdos, desde suas origens até a pós-modernidade, a fim de explorar novos caminhos em desenvolvimento, baseados na construção de conhecimento a partir de uma comunicação visual, exolíngua, plurilíngua e intercultural, tanto para pessoas surdas quanto para pessoas não surdas.

Ao olhar para trás, no histórico dos surdos brasileiros e europeus, observamos que, além da marginalização e da violência enfrentadas, a política linguística da época estava centrada na oralização. Isso resultou na exclusão de valores e costumes deste grupo, especialmente no que diz respeito ao direito à sinalização, que hoje é essencial nas línguas de sinais. Hoje, a principal preocupação em relação à educação dos surdos é a inadequação das abordagens de ensino e das estratégias de leitura utilizadas em sala de aula, desde a educação básica até o ensino superior. Essa incongruência torna a aprendizagem de uma L2 em uma atividade desmotivadora e cansativa. Então, para enfrentar essa dificuldade, a literatura oferece caminhos possíveis para introduzir estratégias de leitura em uma abordagem plurilíngua visual. Acreditamos que o contato do aprendiz com a leitura literária do texto visual icônico associados a elementos bilíngues em vídeos, pode tornar o processo de compreensão e formação leitora literária mais acessível aos surdos. No entanto, é necessário oferecer materiais bilíngues

adaptados visualmente, que sejam mais próximos de sua realidade e que possam proporcionar questões mais significativas a ele.

Para Skliar (1998), a existência de uma língua já é marca de existência de uma cultura e, também, de uma comunidade. Strobel (2007, p.42-43), dá uma dimensão maior à cultura surda. Para a autora, “Comunidade Surda se refere a todas as pessoas que fazem parte diretamente da vida do surdo como família, intérprete, professores dentre outros”. Vale ressaltar que o ponto central da construção da identidade e cultura surda é, justamente, a língua de sinais, pois está se constitui como forma de comunicação que norteia os modos de vida desses sujeitos e traz significações distintas da cultura oral-auditiva. Os Surdos Sinalizantes (SS) constroem significados e compreendem o mundo por meio da visualidade, utilizando a língua de sinais como principal forma de comunicação.

Outro ponto fundamental é reconhecer a estrutura linguística como um meio legítimo de comunicação. Sobre isso, Reily (2007, p. 324) afirma que, nos primórdios da educação de surdos, através do Monge Ponce de Leon e o Abade L’Eppé, a igreja francesa foi a primeira instituição que acreditou no processo de comunicação “silenciosa”, ou seja, a comunicação pelos gestos era válida e constituía como uma forma eficaz de comunicação. Sacks (1989), discorrendo sobre a mesma temática afirma que a língua de sinais satisfaz todos os critérios linguísticos de uma língua genuína no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar um número infinito de proposições.

É importante ressaltar que relevância da língua de sinais está em sua capacidade de comunicar ideias e conceitos e qualquer tipo de conhecimento para os alunos surdos, sendo, portanto, uma questão de comunicação e, por consequência, de educação, pois se existe comunicação existe grande possibilidade de educação (Sacks, 1989, p. 88).

Em oposição a essa ideologia, o que se considera alarmante, é a rejeição ao uso da língua de sinais, justificada pela necessidade do uso dos métodos de oralidade para o “conserto” da surdez e reabilitação da fala, ideologias pautadas na visão clínica ou médica da surdez. Segundo Garcez (2008), o método oralista era um caminho para a reincorporação do surdo na sociedade.

[...] o oralismo estabelece uma espécie de “paradigma da normalização” dos surdos. Se antes os surdos eram simplesmente eliminados do convívio social, a partir do estabelecimento dessa corrente de pensamento passam a ser alvo das tentativas de correção e reabilitação que visavam a sua cura e consequentemente a sua reincorporação à sociedade. Eles precisavam ser “consertados” para se tornarem iguais aos demais. Imperava também o entendimento de que pensamentos abstratos eram impossíveis aos surdos, a

não ser que eles desenvolvessem a comunicação oral. Sob essa concepção, os sinais aprisionariam o pensamento no nível do concreto e impossibilitariam o desenvolvimento de reflexões abstratas e complexas (Garcez, 2008, p. 18-19).

Pesquisas como as de William Stokoe, na década de 1960, comprovaram cientificamente que a língua de sinais possui o mesmo status linguístico que qualquer outra língua oral-auditiva. Contudo, a falta de conhecimento por parte da sociedade sobre a língua de sinais produz uma série de concepções erradas que a reduzem a uma língua simplificada, limitada e incapaz de expressar conceitos abstratos. Essas concepções ainda dominam os espaços acadêmicos de muitas escolas no Brasil e no mundo e, muitas vezes, algumas delas estão na contramão da valorização da cultura surda e da língua de sinais. Portanto, é necessário que surdos se tornem parte do processo educacional e das decisões sobre a forma de ensinar e aprender. Só, assim, estaremos no caminho para uma condição de igualdade dos seus direitos linguísticos, educacionais e sociais, passando de uma condição de expectador para protagonista da sua própria história.

Práticas Pedagógicas Inovadoras na Leitura Literária: Teoria e Prática

O ensino das línguas de sinais, cuja marca linguística está pautada na gestualidade e visualidade, segundo Fusellier-Sousa (2004), produz uma forma de comunicação exolíngue baseada em estruturas icônicas e em saberes, habilidades e estratégias próprias das interações comunicacionais entre surdos. Essas abordagens têm gerado debates no campo das pesquisas aplicadas à linguagem e ao ensino. Daí, a necessidade de reflexões sobre a adoção de uma abordagem plurilíngue visual é essencial, pois, por muito tempo, a metodologia de ensino oferecida nos espaços educacionais permaneceu a mesma para surdos e não surdos. O ideal é que essas metodologias sejam adaptadas à realidade de cada aprendiz, diferenciando-se das abordagens voltadas para os não surdos, seguindo um currículo padrão que pode ser ajustado de acordo com as necessidades visuais dos surdos.

É importante que os estudantes surdos tenham, em sala de aula, a língua de sinais como eixo/canal de receptividade e que através da literatura, por exemplo, e de elementos icônicos e imagéticos eles possam, no processo de aprendizagem, fazer inferências e discutir a temática abordada, tendo no professor/facilitador funcionará como mediador do processo, instigando-os a buscar suas memórias literárias, ou seja, o seu conhecimento de mundo. A metodologia ancorada no ensino do texto literário pode proporcionar ao discente diversas experiências imaginativas e intelectuais. Acreditamos que a experiência proporcionada pelo texto literário pode contribuir, de modo significativo, tanto para a ampliação dos horizontes culturais do

aprendiz, quanto para a apreensão de conteúdos linguísticos, uma vez que o contato com o texto literário possibilita o contato com outras culturas, através de um código estrangeiro. Um caminho para contribuir com o processo de aprendizagem da pessoa surda está na valorização da literatura. De acordo com Antônio Candido (2006), a literatura possui uma função humanizadora, pois atua na formação do próprio ser humano, isto é, ela supre a necessidade universal de ficção e poesia, contribuindo para a formação da personalidade. Na literatura surda, isso não é diferente. Ao produzir sua literatura, o surdo externaliza sua personalidade e potencialidade, expressando a cultura de seu povo.

Strobel (2008), especialista em literatura surda, a define como toda forma legítima de registro de suas expressões acerca de vivências, sentimentos, memórias de um povo. Ainda sobre literatura surda, Sutton-Spence (2021, p. 40) explicita critérios que identificam uma produção como surda ou não, considerando, particularmente, a autoria: “ser feito por surdos”. Os demais critérios podem ou não aparecer simultaneamente ao primeiro; o segundo seria “atingir o público surdo”, o terceiro é considerar que os “assuntos que tratam da experiência de ser surdo”; e o quarto é “ser apresentado em língua de sinais”. Peixoto (2016), destaca que a literatura surda promove a identificação do povo surdo com a obra, incluindo personagens surdos ou alterando o enredo mediante a inserção de elementos que remetem à cultura e a trajetória de causas políticas e linguísticas dos povos surdos.

A literatura surda apresenta elementos estéticos que evidenciam a visualidade das obras construídas em LS. Para isso, os autores tendem a utilizar elementos diversos que instiguem a recepção do leitor/público-alvo, brincando não apenas com a língua, mas com a sua composição estética, imagética e com a semiologia do corpo, ou seja, o Visual Vernacular (VV). Sutton-Spence (2021, p. 78), entende o VV como “a técnica de contar histórias de uma forma visual sem utilizar o vocabulário de sinais”. É um estilo que tem as raízes na tradição surda de contar histórias de modo cinematográfico. Constitui-se um elemento estético rico nas produções literárias surdas. Nesse contexto, a estética aparece nos classificadores, performances, incorporações, estratégias de sinalização, VV, nas escolhas performáticas do emissor para atingir o público e impactá-lo com sua arte. A vista disso, Sutton-Spence elucida que:

A experiência corporal das pessoas surdas é, na maioria, de visão e de tato ao invés de som, e a linguagem estética da literatura destaca isso, apela aos sentidos e por meio dela o artista surdo busca criar uma experiência para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação (Sutton - Spence, 2021, p. 56).

Entendemos, então, que a arte visual do povo surdo é uma forma criativa de expressão que vai além das estruturas linguísticas da Libras. A criação estética da literatura surda brinca com as formas da língua desprendendo-as da gramática e transformando-as em novos morfemas que não são usuais na língua cotidiana, mas transmitem a visualidade necessária ao público-alvo, permitindo ao autor/performer atingir os objetivos da sua produção em relação às sensações que deseja ocasionar ao público-alvo. Entre os recursos visuais amplamente empregados na estética literária em língua de sinais, Sutton-Spence (2021, p. 56-63) destaca uma série de elementos estéticos fundamentais que contribuem para a riqueza dessa forma de expressão, incluindo a variação da velocidade, o uso do espaço e a simetria, bem como o emprego de configurações manuais idênticas. Além disso, a autora menciona o morfismo, a representação de seres humanos por meio da incorporação, e a representação de plantas, animais e objetos inanimados através do antropomorfismo. Outro aspecto relevante são os classificadores, tanto os tradicionais, quanto os novos, acompanhados pelos elementos não manuais e a utilização de múltiplas perspectivas, que tornam essa forma de comunicação visualmente complexa e esteticamente rica.

Já a semiótica é uma forma de ler o mundo. Quando observamos uma imagem de início, vemos o que está explícito; dificilmente, vemos outros elementos semióticos. Ao sermos instigados, tais elementos começam a aparecer e, então, identificamos os signos a partir daquilo que já conhecemos, o nosso cérebro identifica de início em um fluxo mental de transferência de signos chamado semiose.

As características da palavra enquanto signo ideológico (...) fazem dela um dos mais adequados materiais para orientar o problema no plano dos princípios. (...) a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, [...] (Bakhtin, 1995, p. 41).

O signo reflete e retrata a realidade, que lhe é exterior, no confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, que se enfrentam e se confrontam com atitudes de valor contraditório (Bakhtin, 1995). A intenção da semiótica é objetiva levando em consideração as reflexões dos discursos e suas formas articulando entre si os diversos elementos para produzir os sentidos. Ter o conhecimento prévio sobre algo amplia nossas possibilidades de aprendizagens; entendemos que não é necessário substituir narrativas escritas por imagéticas, mas sim criar uma associação entre ambas, identificando quais produções

podemos ter a partir dessa junção aproximando cultura e vida, a imagem proporciona ao indivíduo um novo olhar confrontando-os.

Para Brait (2006), o conjunto das linguagens, formadas pelo verbal e pelo visual, reforça a perspectiva de interação dos alunos com o assunto que está sendo tratado, a partir, naturalmente, da realidade vivida por eles no dia a dia. Tanto a linguagem verbal como a visual desempenham um papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente (Brait, 2013). Já Rosado e Taveira (2019) afirmam que a visualidade e a conseqüente experiência visual são temas fundamentais sobretudo pelo uso das línguas de sinais como línguas visuais-gestuais-espaciais (não orais) em que o uso do corpo e do olhar são predominantes na comunicação. Assim, compreendemos que o uso da imagem é muito importante, pois, de acordo com Barreto e Santos (2020), configura-se como uma das principais linguagens utilizadas sendo de grande relevância, também, para os mais diversos processos, entre eles, o educativo; e, ao se associar a esse processo, desempenha a função de mediadora. Ela motiva, sensibiliza, favorece o entendimento de si mesmo e do outro (Kleiman, 2000). A partir do momento que o indivíduo mantém contato com a leitura - seja um texto verbal, não verbal ou misto - ele começa a trazer à tona todo o seu conhecimento de mundo. A leitura, portanto, envolve o leitor em um trabalho de formulação de hipóteses construtivas sobre o significado do texto, conforme explica Eagleton (2003).

O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições – e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular. O texto, em si, realmente não passa de uma série de “dicas” para o leitor, convites para que ele dê sentido a um trecho de linguagem (Eagleton, 2003, p. 105).

Para promover a autonomia leitora dos surdos, com abordagens plurais de ensino que contribuam para a compreensão da obra literária em língua de sinais e na língua escrita, essas abordagens diversificadas visuais permitem uma reflexão mais ampla e inclusiva sobre o conhecimento prévio da leitura.

Uso de Tecnologias Digitais para Suporte Educacional

Considerando as tendências recentes e questões emergentes no campo da educação de surdos, especialmente no ensino de leitura literária, podemos identificar algumas direções importantes. A literatura aponta para a necessidade de abordagens plurilíngues e multimodais

que valorizem a língua de sinais e integrem diferentes formas de comunicação visual e textual. Também há uma ênfase crescente na valorização da cultura surda e na utilização de materiais didáticos que reflitam as experiências e realidades dos alunos surdos. A abordagem plurilíngue e multimodal é essencial na educação de surdos, pois enfatiza a integração de múltiplas línguas e modalidades de comunicação, como os visuais, gestuais e textuais. Essas tendências refletem a necessidade de utilizar materiais multissemióticos que combinem texto escrito com imagens e vídeos em língua de sinais. Segundo Reily (2007), a comunicação eficaz com alunos surdos deve ir além da palavra escrita, integrando elementos visuais que dialoguem com a experiência sensorial dos estudantes. O desenvolvimento de materiais didáticos que empreguem essas múltiplas modalidades para criar uma experiência de leitura rica e acessível, que não apenas transmita o conteúdo, mas também o torne significativo para os alunos surdos.

Paralelamente, a valorização da cultura surda tem obtido destaque nas práticas pedagógicas contemporâneas, sendo cada vez mais incorporada no currículo. Essa valorização se manifesta na criação de conteúdos que refletem as vivências, histórias e lutas dos surdos, elementos fundamentais para a construção de uma identidade cultural sólida, como defendido por Strobel (2007). As estratégias de leitura devem, portanto, incluir textos que sejam visuais, escritos e sinalizados, representando a cultura surda de forma autêntica. Ao proporcionar materiais que permitem aos aprendizes se verem refletidos no conteúdo, promove-se um engajamento mais profundo e uma conexão significativa com o material de estudo.

Além disso, o uso de tecnologias digitais está transformando a educação de surdos, oferecendo novas formas de acessar e interagir com o conhecimento. Ferramentas como vídeos em língua de sinais, aplicativos educacionais com sinais ou sinalização e plataformas de aprendizagem digital bilíngues oferecem novas oportunidades para criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e envolvente. Incorporar essas tecnologias no ensino não apenas enriquece o conteúdo, mas também facilita a inclusão dos surdos, ao disponibilizar recursos em língua de sinais e suportes multimodais que tornam o aprendizado mais acessível e adaptado às necessidades visuais dos alunos.

O desenvolvimento de materiais didáticos plurilíngues é uma aplicação prática das tendências discutidas. Livros e recursos didáticos que combinam texto escrito, imagens e vídeos em língua de sinais oferecem uma abordagem mais inclusiva e compreensível para os surdos sinalizantes. Conforme argumentado por Skliar (1998), esses materiais ajudam a construir uma ponte entre as diferentes modalidades linguísticas, promovendo uma educação mais holística e integrada. A formação continuada de professores também é fundamental para o sucesso dessas abordagens. Programas de capacitação devem focar em metodologias

plurilíngues que desenvolva a visualidade, a aprendizagem da Libras e o uso de tecnologias digitais na educação de surdos. Como defendido por Garcez (2008), a preparação adequada dos educadores é essencial para que eles possam implementar essas estratégias de forma eficaz, garantindo que o processo de ensino e aprendizagem seja inclusivo. A seleção e adaptação de textos literários que representem a cultura surda permite que os aprendizes se identifiquem com as histórias e personagens, envolvendo-se mais ativamente no processo de leitura.

Por fim, as plataformas de aprendizagem digital desempenham um papel crucial na aplicação dessas tendências. Utilizar plataformas que ofereçam recursos visuais e em língua de sinais facilita a compreensão do conteúdo e proporciona uma experiência de aprendizagem interativa. Essas ferramentas digitais, têm o potencial de transformar a maneira como os alunos surdos interagem com o conhecimento, tornando o aprendizado mais eficaz.

A Semiótica como fundamento para a Educação Literária dos Surdos

A semiótica, como teoria do estudo dos signos, é fundamental para entender como os significados são construídos e interpretados nas interações comunicacionais. Segundo Bakhtin (1995), os signos refletem e retratam a realidade exterior, sendo moldados por interesses sociais e contextos específicos. A semiótica, portanto, nos permite explorar como diferentes formas de linguagem, incluindo visuais e gestuais, podem ser integradas para transmitir significados de maneira mais eficaz. A língua de sinais, por sua natureza visual e espacial, é uma linguagem rica em signos que vão além das palavras escritas ou faladas. A leitura do mundo, para os surdos sinalizantes, envolve não apenas a interpretação do texto escrito, mas também a compreensão dos elementos visuais e gestuais que compõem seu universo linguístico.

Bakhtin (1995) destaca que a palavra é um dos materiais mais adequados para orientar problemas ideológicos e sociais, sendo entrelaçada com todas as relações sociais. Da mesma forma, os signos visuais, como os utilizados na língua de sinais, desempenham um papel crucial na construção de sentido para os surdos. Eles são parte integrante do processo de aprendizagem e, quando bem utilizados, podem facilitar a compreensão e a interpretação dos conteúdos educacionais. A semiótica como ferramenta de interpretação visual, oferece uma base teórica sólida para compreender como os alunos surdos interpretam e constroem significados a partir de textos visuais e escritos. No contexto da leitura literária, a semiótica pode ser utilizada para explorar como os signos visuais (como imagens, símbolos e expressões faciais) interagem com o texto escrito e a língua de sinais para criar um entendimento mais profundo e multidimensional da narrativa.

Ao integrar a semiótica no ensino de leitura literária, os educadores podem ajudar os alunos surdos a desenvolverem habilidades críticas de interpretação, permitindo-lhes decifrar e compreender as camadas de significados que estão presentes em uma obra literária. Essa abordagem não apenas facilita a compreensão do texto, mas também valoriza a capacidade dos alunos surdos de interpretar o mundo através de uma lente visual, reconhecendo a importância dos signos visuais em sua experiência de aprendizagem.

Possibilidades de Materiais Multissemióticos para Surdos Sinalizantes

No ensino para surdos sinalizantes, os materiais multissemióticos, que combinam diferentes sistemas de signos, desempenham um papel essencial na criação de um ambiente de aprendizagem acessível e eficaz. Um exemplo prático dessa abordagem é o uso de vídeos educativos em língua de sinais, complementados por legendas e animações ilustrativas. Esses vídeos, ao combinar a apresentação em Libras com legendas em português e elementos visuais dinâmicos, reforçam a compreensão do conteúdo. Um vídeo que apresenta a vida de um autor de obra literária, por exemplo, pode utilizar essa combinação para explicar conceitos-chave de maneira mais definida. Outra aplicação importante é a criação de livros digitais interativos, que ofereçam não apenas o texto escrito, mas também vídeos em língua de sinais, ilustrações interativas e áudios, permitindo que o leitor surdo clique em imagens para obter explicações adicionais em Libras ou ver animações que esclarecem conceitos complexos.

Aplicativos educacionais multimodais são igualmente ferramentas valiosas nesse contexto, articulando jogos educativos com diferentes formas de comunicação, como imagens, sinais em Libras, palavras escritas de forma alfabética, em alfabeto manual/ dactilologia e em escrita de sinais. Um exemplo seria um aplicativo que ensina vocabulário em várias línguas, permitindo que os alunos associem os sinais com a palavra escrita de diversas formas e a imagem correspondente, promovendo assim o aprendizado de novos conceitos como signos, significados e significantes. Histórias digitais multissensoriais representam outra inovação significativa, onde narrativas em língua de sinais são enriquecidas com texto e imagens que ilustram a história. Essas histórias podem incluir elementos interativos que permitem ao aluno ver pequenas animações com as formas escritas e vídeos sinalizados, proporcionando uma experiência de aprendizagem mais imersiva. Um exemplo disso seria uma história infantil em que os personagens são apresentados em Libras, com elementos visuais que o aluno pode explorar, tornando o processo de leitura mais envolvente e inclusivo. Infográficos animados também podem ser utilizados de maneira eficaz, não apenas exibindo dados visualmente, mas integrando vídeos sinalizados, ícones e animações para explicar conceitos de forma clara e

acessível. Um infográfico sobre o ciclo da água poderia incluir animações que mostram o ciclo completo, com explicações em Libras para cada etapa, facilitando a leitura e compreensão dos alunos. Campos e Rocha (2021) destacam que o uso de infográficos animados e outras ferramentas visuais aumentam a retenção de informações complexas, reforçando a eficácia das abordagens multimodais.

Por fim, os quadrinhos digitais com tradução em língua de sinais oferecem uma maneira inovadora de combinar narrativa visual com acessibilidade linguística. Esses quadrinhos permitem que o leitor clique em balões de diálogo ou imagens para ver a tradução em língua de sinais, facilitando a compreensão e o engajamento com a história. Essas possibilidades demonstram como os materiais multissemióticos podem ser adaptados para criar uma experiência de aprendizagem mais inclusiva, atendendo às necessidades específicas dos leitores surdos sinalizantes e facilitando a compreensão de conteúdos complexos por meio de múltiplas formas de comunicação. O uso de materiais multissemióticos no ensino para surdos sinalizantes é uma prática que respeita e valoriza as especificidades linguísticas e culturais desse grupo. A integração de diferentes sistemas de signos linguísticos, como textos escritos em formas diferentes, imagens e língua de sinais, permitem que a aprendizagem seja mais rica e acessível, promovendo uma educação que não apenas informa, mas que também incluem e dar subsídios para inferências.

Além disso, a formação contínua em LS para professores e o desenvolvimento de materiais didáticos adaptados são passos essenciais para garantir que a educação dos surdos sinalizantes seja realizada de maneira eficaz. Ao incluir a cultura surda e utilizar tecnologias digitais, estamos criando um ambiente onde os alunos podem se ver representados e se engajar ativamente no processo de ensino e aprendizagem. O desafio está em transformar essas práticas em políticas educacionais que reconheçam e respeitem a diversidade linguística e cultural dos surdos, permitindo que eles não sejam apenas receptores de conhecimento, mas também agentes ativos em sua própria educação.

O Visual Vernacular no Ensino Literário: aplicações práticas e seus benefícios

O Visual Vernacular (VV) é uma técnica de narração visual usada na língua de sinais que explora ao máximo os recursos visuais e espaciais oferecidos pela linguagem corporal e facial. Diferente da sinalização convencional, que se concentra em transmitir informações linguísticas através de sinais específicos, o VV é mais performático e cinematográfico, utilizando classificadores, expressões faciais e corporais para criar uma narrativa visual rica e dinâmica. Sutton-Spence (2021) descreve o VV como uma forma de contar histórias que não

depende diretamente do vocabulário formal da língua de sinais, mas sim de elementos visuais que imitam a estética cinematográfica. É uma técnica que destaca a capacidade dos surdos de expressar ideias complexas e emoções através de uma linguagem que é inerentemente visual. O VV é amplamente usado na contação de histórias, na descrição de cenas, ou representação de conceitos abstratos de forma que seja facilmente compreendida pela comunidade surda.

A aplicação do Visual Vernacular na educação de surdos pode tornar o processo de ensino mais acessível. Segundo Bakhtin (1995), a linguagem é um sistema de signos que reflete e molda a realidade social. Integrar o VV nesse contexto permite que os educadores criem materiais audiovisuais que não apenas informam, mas também cativam os alunos, auxiliando-os a internalizar conceitos de maneira mais profunda. O uso de VV é eficaz na educação literária, onde as histórias podem ser "vivenciadas" pelos alunos através de performances visuais ricas. Além disso, ao aplicar o VV em vídeos educacionais, os alunos surdos podem explorar conteúdos complexos, como ciência ou história, de uma forma que ressoa com sua maneira natural de ver e entender o mundo. Conforme Fusellier-Souza (2004) aponta, essa abordagem torna a leitura uma experiência visualmente envolvente, facilitando a compreensão e a retenção das informações.

O VV é uma técnica única e preponderante, que utiliza a língua de sinais aproveitando ao máximo as expressões faciais, os classificadores e os movimentos corporais para criar narrativas visuais ricas e dinâmicas. No ensino da leitura literária para surdos sinalizantes, o VV pode ser utilizado para adaptar textos literários de forma que as histórias sejam não apenas lidas, mas também vivenciadas de maneira visual e emocional. Integrar o VV às estratégias de leitura literária permite que os leitores surdos experimentem as histórias de uma forma que está intimamente conectada com sua própria maneira de ver e entender o mundo. Por exemplo, um texto literário pode ser interpretado através do VV para destacar elementos críticos da narrativa, como a emoção dos personagens, as descrições dos cenários ou a dinâmica das ações, transformando a leitura em uma experiência facilitadora da compreensão.

Outro aspecto essencial dessas abordagens é a valorização da cultura surda no processo de ensino, que com sua rica tradição visual e narrativa deve ser central na criação de materiais didáticos e na seleção de textos literários. Textos que refletem as experiências, os valores e as lutas da comunidade surda não apenas proporcionam uma leitura mais significativa para os alunos, mas também ajudam a fortalecer sua identidade cultural e linguística. Como destaca Strobel (2008), esse reconhecimento cultural promove um maior engajamento e interesse pela literatura. Materiais didáticos que incorporem a semiótica e o VV devem ser adaptados para atender às necessidades visuais dos alunos surdos. Isso pode incluir livros digitais interativos,

vídeos que utilizam VV para narrar histórias, e plataformas de aprendizagem que combinam texto, imagem e sinalização de maneira integrada. Esses recursos não apenas tornam a leitura mais acessível, mas também incentivam os aprendizes na exploração e interpretação dos textos, alinhados às habilidades e às preferências visuais.

Embora as abordagens plurilíngues e multimodais ofereçam um enorme potencial para a educação de surdos, elas também apresentam desafios que precisam ser abordados. Ressalte-se que a formação de professores é fundamental para garantir que os educadores estejam capacitados em Libras a fim de implementar essas técnicas de forma eficaz. Além disso, a criação de materiais didáticos de alta qualidade que incorporem a semiótica e o VV exige investimento em pesquisa e desenvolvimento, conforme apontado por Peluso e Silva (2019).

Os benefícios dessas abordagens são evidentes, pois oferecem uma maneira de tornar a leitura literária mais inclusiva, incitando os aprendizes surdos a se envolverem profundamente com o material, desenvolvendo suas habilidades interpretativas e expressando a sua compreensão de maneiras visualmente rica. Ao adotar essas estratégias, os educadores não apenas melhoram o ensino da leitura literária, mas também contribuem para a inclusão e valorização da cultura surda no ambiente educacional.

Considerações Finais

A educação de surdos sinalizantes exige uma abordagem que vá além do simples domínio da língua de sinais, incorporando metodologias e estratégias que utilizem recursos visuais de grande iconicidade. Através da integração da semiótica e do VV, é possível enriquecer significativamente o processo de leitura literária, tornando-o mais acessível e adaptado às necessidades específicas dos alunos surdos. A semiótica, com seu foco na interpretação dos signos, oferece uma ferramenta poderosa para decifrar os significados presentes em textos visuais sinalizados e escritos. Ao aplicar essa abordagem, os educadores podem ajudar os aprendizes surdos a desenvolverem habilidades críticas de inferências, facilitando a compreensão das obras literárias. Isso reforça a capacidade dos surdos de interagir com o mundo de maneira visual, reconhecendo a importância dos signos visuais em sua experiência de aprendizagem, conforme a perspectiva de Bakhtin (1995).

Ademais, o VV se destaca como uma técnica de narrativa visual que permite aos alunos surdos vivenciarem as histórias de forma cinematográfica, utilizando expressões faciais, movimentos corporais e classificadores. A adaptação de textos literários através do VV não só enriquece a experiência de leitura, mas também proporciona uma conexão emocional mais profunda com o material, facilitando a compreensão e retenção dos conteúdos. Conforme

ressaltado por Sutton-Spence (2021), essa técnica aproveita a natureza visual da língua de sinais para transmitir significados complexos de maneira acessível. Outro ponto importante é a valorização da cultura surda no processo educacional. Ao incluir textos que refletem as experiências, os valores e as lutas da comunidade surda, os materiais didáticos se tornam mais relevantes e significativos para os aprendizes. Isso não apenas fortalece a identidade cultural e linguística dos surdos, mas também promove uma educação que reconhece e valoriza a diversidade, conforme indicado por Barbosa e Nascimento (2018).

Apesar dos desafios, como a necessidade de formação contínua de professores e o desenvolvimento de materiais didáticos de alta qualidade, as abordagens plurilíngues e multimodais oferecem um enorme potencial para a educação de surdos. Elas criam um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, em que os aprendizes podem se envolver profundamente com o material, desenvolver suas habilidades interpretativas e expressar sua compreensão de maneiras visualmente e culturalmente relevantes. As pesquisas de Peluso e Silva (2019); Campos e Rocha (2021) apoiam essa visão, destacando os benefícios das abordagens multimodais na retenção e compreensão de conteúdos complexos.

Para que essas práticas se tornem efetivas e amplamente adotadas, é fundamental que haja um compromisso com a visibilidade social dos surdos, o que depende, em grande parte, de políticas educacionais inclusivas e de qualidade. Este reafirma a possibilidade e a importância de levar a comunidade surda a fazer conexões significativas com a leitura de mundo visual, permitindo que se tornem leitores literários engajados e participantes ativos de seu processo educacional. Isso só será plenamente realizado quando os surdos forem incluídos como protagonistas nas decisões sobre o ensino e a aprendizagem que afetam suas vidas.

A esse respeito, Barra e Nascimento (2018) enfatizam a necessidade de incluir a cultura surda e utilizar tecnologias digitais para criar um ambiente onde os alunos possam se ver representados e se engajar ativamente no processo de aprendizagem. Esse compromisso com a inclusão e valorização da cultura surda é essencial para transformar as práticas educacionais e garantir que os surdos sejam verdadeiramente protagonistas em sua educação enquanto leitores literários de línguas de oralidade vocalizadas (escrita) e sinalizadas em línguas de sinais.

Referências

- Almeida, J. (2019). Plataformas digitais e a aprendizagem de surdos: Um estudo de caso. Editora Educação Inclusiva.
- Ayres, R. N. (2010). A possibilidade de inclusão da língua brasileira de sinais (Libras) no curso de biblioteconomia da UFPB: a realidade de uma pessoa surda em uma sociedade ouvinte.

2010. [Monografia de Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa].
- Bakhtin, M. M. (1975). *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP, 1993.
- Bakhtin, M. (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec,
- Barthes, R. (2006). *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. (4ª ed.). Paulo: Perspectiva.
- Brait, B. (2006). Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá*, 11(20).
- Brait, B. (2004). Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. *Trab. educ. saúde* 2(1). <https://www.scielo.br/pdf/tes/v2n1/03.pdf>
- Brait, B. (2013). Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo*, 8(2): 43-66.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>
- Candido, A. (2004). *O direito à literatura*. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas Cidades.
- Costa, M., & Rodrigues, L. (2020). Tecnologia móvel na educação de surdos: Aplicações e impactos. *Revista de Educação Especial*, 15(2), 45-60.
- Felipe, T. A. (2007). *Libras em contexto: curso básico: livro do professor*. (6ª ed.) Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Fernandes, A., & Souza, P. (2016). Formação docente e Libras: Desafios e perspectivas. *Cadernos de Educação*, 10(1), 77-89.
- Fusellier-Souza, I. (2004). *Sémiogenèse des langues des signes: étude de langues des signes émergentes (LS ÉMG) pratiquées par des surdos brésiliens*. 2004. [Tese de Doutorado - Universidade Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis, Ciências da Linguagem, Paris].
- Fusellier-Souza, I. (2006). Visual Vernacular e narração em língua de sinais. *Estudos Surdos*, 3(2), 23-38.
- Garcêz, R. L. de O. (2008). *O valor político dos testemunhos: os surdos e a luta por reconhecimento na internet*. [Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte].
- Garcia, R., & Santana, D. (2015). Expressividade e criatividade na educação de surdos através do VV. *Anais do Congresso de Educação Inclusiva*, 7, 112-120.
- Lima, S., & Martins, E. (2018). O impacto do Visual Vernacular na compreensão leitora de alunos surdos. *Revista Brasileira de Educação*, 23(3), 389-404.
- Martins, L. M. N., & Lins, H. A. de M. (2016). Tecnologia e educação de surdos: possibilidades de intervenção. *Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente*, 26(2), 188-206.
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3481>

- Moura, D., & Brito, F. (2018). Desenvolvimento de materiais didáticos para surdos: Abordagens e práticas. *Educação e Tecnologia*, 12(4), 55-70.
- Oliveira, T. (2021). Políticas públicas e educação de surdos: Uma análise crítica. *Educação e Sociedade*, 42(1), 101-118.
- Peixoto, J. A. (2016). O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil. [Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa].
- Perlin, G. (2002). História dos surdos. *Caderno Pedagógico – Pedagogia para Surdos*. Florianópolis: UDESC.
- Pinheiro-Mariz, J. (2011). Da necessidade do ensino precoce da língua francesa em contexto exolíngue. In N. C. Cruz, J. Pinheiro-Mariz (Orgs.). *Ensino de línguas estrangeiras: contribuições teóricas e de pesquisa*. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 203-231.
- Quadros, R. (2012). *Educação de surdos e práticas pedagógicas visuais*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Reily, L. (2007). O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. *Revista Brasileira de Educação*, 12(35), 244-252. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a11v1235.pdf>
- Sacks, O. (1989). *Vendo vozes: uma viagem pelo mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, L., & Pereira, J. (2017). Livros digitais interativos e o ensino de literatura para surdos. *Revista de Literatura e Educação*, 9(2), 75-88.
- Skliar, C. (Org.). (2005). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. (2ª ed.) Porto Alegre: Mediação.
- Strobel, K. (2006). Visão histórica sobre a in(ex)clusão dos surdos. *ETD – Educação Temática Digital*, 7(2), 244-252.
- Strobel, K. (2008). *Surdez e educação: uma perspectiva cultural*. São Paulo: Cortez.
- Stumpf, M. R. (2010). *Educação de surdos e novas tecnologias*. Florianópolis: UFSC.
- Sutton-Spence, R. (2021). *Literatura em Libras*. Tradução Gustavo Gusmão. (1ª ed.) Petrópolis, RJ: Arara Azul.